

A NATUREZA DA PAIXÃO

“Passion — mouvement violent, impétueux de l'être vers ce qu'il désire.”

Larousse

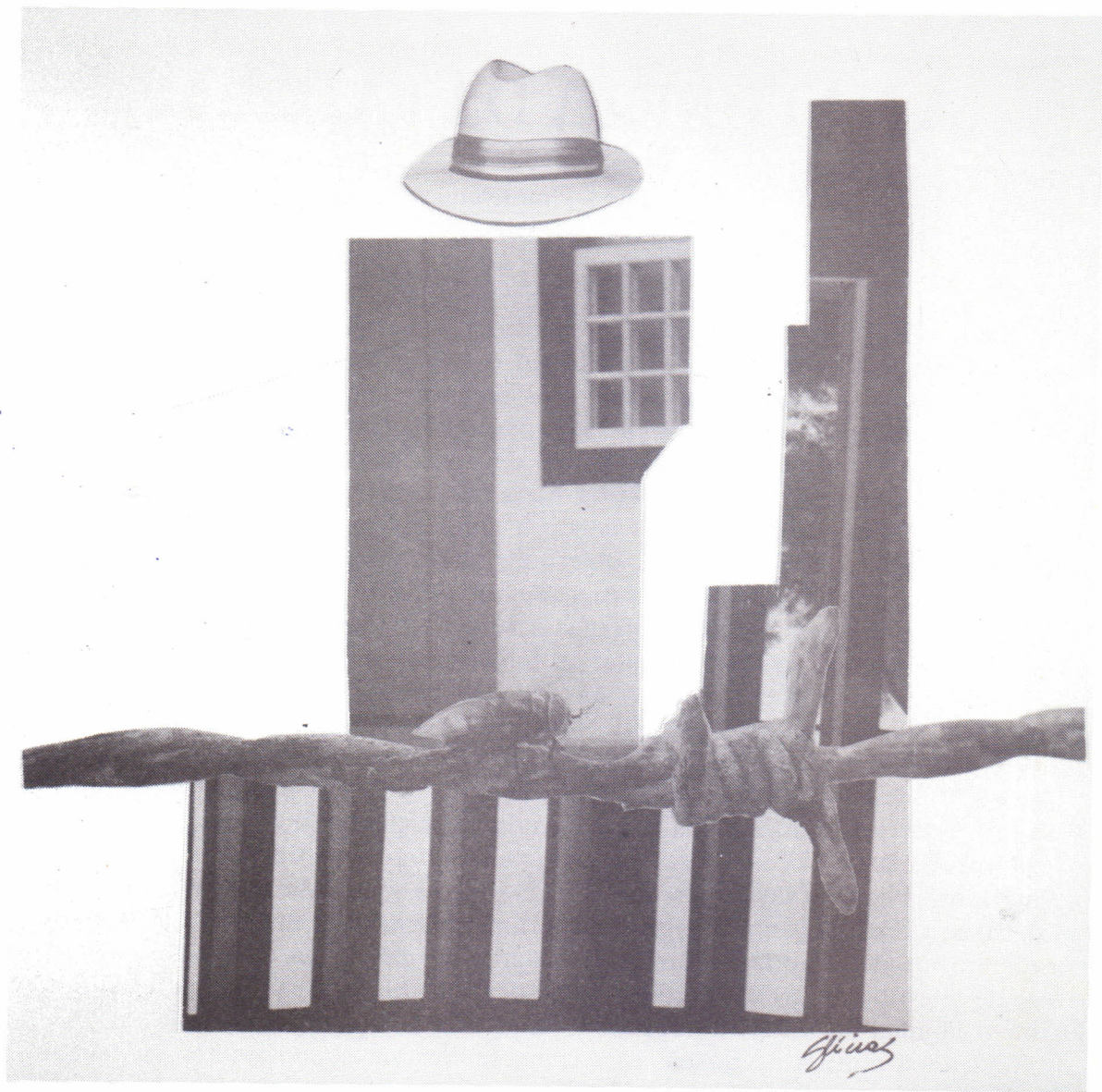
Na noite de 12 de maio de 1984, o médico e memorialista Pedro Nava recebeu um misterioso telefonema. Havia terminado o jantar, em companhia da mulher. Pediu-lhe desculpas, disse que iria sair, mas demorava pouco. Atravessou a calçada da Glória, andou uns duzentos metros, para encontrar-se com alguém. Não se sabe com quem e o que ali foi dito. Pouco depois, um tiro quebrou a monotonia daquela hora. O autor de **Baú de Ossos** havia disparado o revólver na cabeça.

Passados quatorze anos, e em sendo a memória nacional muitíssimo fraca, poucos se lembram de Pedro Nava, objeto de teses acadêmicas, e do motivo que conduziu o escritor ao suicídio. Presume-se um conflito passional, sem solução, num meio falsamente moralista, hipócrita, nascido da famosa ordem rural que foi o alvo das contestações dos revolucionários franceses em 1789.

De fato, Saint-Just ousara dizer que a felicidade era uma idéia nova na Europa, ou seja, a felicidade era possível, malgrado séculos de expiação da culpa ancestral e dos torquemadas de plantão. Giacomino Casanova já advertira: “Moralistas prudentes, há felicidade na terra”, em oposição ao preceito bíblico, constante no Gênesis: “A terra te terá maldita, ela te produzirá espinhos e abrolhos.”

A revolução libertina pregava os programas coletivos de felicidade. Mas, o que seria um libertino do século dezoito? É preciso recuperar o sentido primitivo dessa palavra. Para a maioria das pessoas, hoje, libertino, é um devasso. Visão do moralismo burguês que tem horror à transgressão da norma. Nem devasso, nem herege. O libertino do século dezoito é o homem das luzes, o iluminista, que tentou libertar o homem do medo, do obscurantismo e da feitiçaria.

Vejam os pinturas de Bosch, para compreender um pouco melhor esse significado. Bosch representava a humanidade com todas as degradações possíveis. Em vez de anjos, o mundo era povoado pelos diabos do corpo. Em vez de coros de felicidade, a voz dos clérigos estendia a excomunhão aos pecadores. Era um pavor.



Dante não teria imaginado com mais eficiência os círculos do seu inferno. Amaldiçoava-se o útero da mulher: o útero era a **Scrinia Matrix**, a **Sanguinaria Matrix** e a **Demoníaca Matrix**.

Infelizes dos homens que alimentam o objeto da sua paixão. Estavam condenados ao mais terrível dos suplícios. No entanto, para não fugir à regra, fornicava-se nos conventos. D. João V, rei de Portugal, admoestado pelos Ministros por que cuidava mais da amante do que da sacratíssima esposa, respondia: “Nem sempre galinha, nem sempre rainha.” A frase ficou. E, recorde-se, a amante de Sua Alteza vivia reclusa no convento de Odivelas.

Devemos ao Iluminismo, ensinam-nos Adorno, Benjamim e Horkheimer, a grande revolução da idade moderna. O **homo eroticus** alia-se ao **homo faber** para reorganizar com Deus e a natureza a fábrica do mundo. Se a revolução não garantiu ao homem a igualdade e a fraternidade, pelo menos, deixou-o mais livre e sem o medo das trevas.

Qual a natureza da paixão? Estar apaixonado é viver um caos particular. Só quem o experimentou sabe disso. O apaixonado é egoísta, autoritário e excessivo. Goza, sofre e padece. Lembremos que a palavra paixão vem do latim **passio**, referente com vários significados. Petrarca interpretava a paixão como **essere innamorato**. Camões escreveria em louvor da amante núbia Bárbara: “Esta é a cativa / Que me tem cativo / E, pois, nela vivo.”

A tragédia, quase sempre, é o desfecho da paixão. Por que o homem que dominou a tecnologia e chegou às estrelas não pode resolver esse conflito? Por que ele está além das suas forças. Recordemos do imaginário ocidental: Hamlet e Ofélia, Tristão e Isolda, Romeu e Julieta; as infelizes heroínas do romance moderno: Luiza, Ana Karenina, Emma Bovary e, por analogia, as escritoras Virgínia Wolf, Florbela Espanca, Sylvia Path, e tantas outras mulheres tragadas por aquele movimento violento, impetuoso do ser sobre o objeto do seu desejo.

O modelo da tragédia moderna está em Goethe. O escritor misturou no seu herói legendário. Werther, o seu próprio sofrimento amoroso, e o fato do suicídio de um jovem alemão, de nome Jerusalém, que se matara por amor.

Werther escreve à sua amada Charlotte: “é preciso que um dos três desapareça e sou eu quem deve desaparecer. “Era o Natal de 1772. Lotte vivia o seu caos particular: via-se ligada a Alberto de quem conhecera o amor, mas também amava Werther, por quem era fascinada e em quem se completava como mulher. Werther deplora: “Bem sabia que você me amava. A mim não importa que Alberto seja o seu marido? Seu marido! O casamento só vale para este mundo.”

Na noite desse mesmo dia, Werther dispara a pistola na cabeça. É encontrado morto às seis da manhã seguinte. A bala havia entrado acima do olho direito.

Sem solução para o seu conflito, o escritor Pedro Nava desfecha também um tiro de revólver na cabeça. Numa última entrevista, à revista **Veja**, no final de 1983, dissera: “Não dou a mínima importância ao chamado amor puro. O amor que me interessa é o amor físico.”

Goethe, nas suas memórias, tentara explicar o suicídio de Werther. Dizia que a juventude estaria atormentada por paixões insatisfeitas, sem encontrar objetivo algum na sua vidazinha burguesa, e, portanto, ficara vulnerável. Clima de fim de século? Como agora? Em que vivemos um momento de decadência e corrupção generalizada?